

## **A música na seção "Perfis Internacionais" da Revista *Fon-Fon!* (1910-1914): heróis musicais da cidade renovada**

MÓNICA VERMES\*

O material publicado em uma revista como *Fon-Fon!* e aqui analisado constitui-se numa fonte importantíssima para o estudo da história da música brasileira e, em termos mais precisos, para um estudo das práticas musicais no Brasil. O que encontramos em suas páginas nos permite ler de que forma a música estava inserida no cotidiano e quais eram os significados atribuídos a repertórios, espaços, instituições e saberes dentro do convívio dessa cidade e desse país que procuravam se reinventar. Evidentemente faz-se necessário ter em mente a grande pluralidade existente na composição da cidade, seja em termos de camadas sociais, de origem nacional ou regional, de etnia e de gênero, para citar algumas das categorias com que podemos pensar a população do Rio de Janeiro da virada do século. Essa pluralidade correspondia a usos diferentes da cidade, a diferentes perspectivas políticas e culturais e os diversos grupos foram atingidos de maneira diversa pelo projeto modernizador e pelas reformas urbanísticas. Entende-se que a as revistas ilustradas refletiam o ponto de vista de uma elite branca apoiadora das iniciativas reformistas de Pereira Passos e dos valores que lhes servem de pressuposto.

Apesar de ser produzida no Rio de Janeiro e de tratar em suas páginas primordialmente de assuntos e acontecimentos focalizados no Rio, a revista mantinha seções nas quais retratava – tipicamente com generosos ensaios fotográficos – a vida nas províncias e, mais importante, tinha circulação nacional, disseminando os modos de viver e os valores cariocas, dessa cidade que era um eixo não só administrativo, mas também econômico e cultural do país.<sup>1</sup> Era a partir do Rio de Janeiro que muitos elementos eram colocados em circulação, itens materiais ou simbólicos, junto com os valores que lhes eram atribuídos. Estes itens eram apresentados e oferecidos até mesmo didaticamente, de formas mais ou menos explícitas, nas páginas das

---

<sup>1</sup> É útil aqui o conceito de cidade-capital, cunhado por Giulio Argan, e cuja força para a complexa análise das teias urbanas aparece bem sintetizada nas palavras de Motta: “as cidades-capitais revelaram-se um objeto particularmente atraente para um tipo de abordagem que as analisa como o lugar da política e da cultura, como núcleo da sociabilidade intelectual e da produção simbólica, representando, cada uma à sua maneira, o papel de foco da civilização, núcleo da modernidade, teatro do poder e lugar da memória”. (MOTTA, 2004: 9).

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

2

\* Doutora - Universidade Federal do Espírito Santo – UFES / Instituto de Artes – Unesp / CNPq / Grupo de Pesquisa História e Música.

revistas ilustradas.<sup>2</sup>

As informações que nos são proporcionadas por essa fonte, ou por esse tipo de fonte, contrastam significativamente com aquelas que encontramos nas obras mais tradicionais da historiografia musical brasileira, em particular os manuais de história da música. Esses manuais, ainda que fossem uma novidade no Brasil, já que o primeiro foi publicado somente em 1908 e na Bahia,<sup>3</sup> se inserem dentro de uma tradição já consolidada do gênero.<sup>4</sup>

Esse elenco de obras historiográficas pressupõe o reconhecimento de um conjunto de valores compartilhados que se erige a partir da centralidade da atividade do compositor e de sua obra, com um destaque secundário para a figura do intérprete. Compositores e obras seriam selecionados ou pela excelência estética (princípio central da formação de um cânone), pelo reconhecimento (no caso de algumas das histórias brasileiras) de sua importância histórica, exemplificada na fundação e desenvolvimento de instituições, na criação musical afinada com e, muitas vezes, traduzindo dentro do que os autores reconhecem como as possibilidades e limitações nacionais aquilo que se fazia em termos de música erudita nos principais centros europeus e, mais importante, pela contribuição para a criação de uma música erudita de caráter nacional.

Os periódicos que circulavam entre um público mais amplo evidenciam de que forma essas obras e instituições são apropriadas e postas em uso pela sociedade, a partir dos valores das diferentes camadas sociais em jogo.

Outra importante peculiaridade das publicações periódicas dessa natureza é sua limitada durabilidade, sua fugacidade. Isso dá aos textos, imagens e partituras publicados a qualidade do instantâneo e fragmentário. Aquilo que é publicado no calor da hora (ainda que, por se tratar de uma revista semanal, em menor grau que os jornais) e que toma a moda como valor

---

<sup>2</sup> Cf. SEVCENKO “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio” em *História da vida privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do rádio* (2002: 513-619).

<sup>3</sup> Os manuais de história da música brasileira produzidos no Brasil ao longo do século XX que analisamos são: Guilherme Pereira de Melo, *A música no Brasil* (1908); Vincenzo Cernicchiaro, *Storia della Musica nel Brasile, dai tempi coloniali sino ai nostri giorni* (1926); Renato Almeida, *História da música brasileira* (1926 e 1942) e *Compêndio de História da música brasileira* (1948); Mario de Andrade, *Compêndio de História da Música* (1929) e *Pequena História da Música* (1942); Ulisses Paranhos, *História da música – Vol. 1, Música Brasileira* (1940); Francisco Acquarone, *História da música brasileira* (1948); Eurico Nogueira França, *A Música no Brasil* (1953); Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, *150 anos de música no Brasil (1800-1950)* (1956); Bruno Kiefer, *História da música brasileira: dos primórdios ao início do século XX* (1976) e Vasco Mariz, *História da música no Brasil* (1980).

<sup>4</sup> Cf. ALLEN, *Philosophies of Music History: A Study of General Histories of Music, 160—1960* (1962).

(quanto mais não seja, valor associado à modernidade e às mudanças) guarda algo do frescor daquilo que não se projeta como uma síntese duradoura a médio / longo prazo.<sup>5</sup>

É na fugacidade e imediatez desses registros que os fatos musicais – ou sonoros, num sentido mais amplo – se revelam em contexto, como prática compartilhada, como forma de sociabilidade, como elemento de expressão de uma forma de ser e de constituição de uma forma desejada de ser.

O Rio de Janeiro de início do século XX era uma cidade em intensa transformação. Capital da República proclamada em 1889, o Rio foi palco da busca acelerada por um perfil de modernidade e elegância que seus administradores procuravam evidenciar tanto na aparência da cidade como no uso, principalmente dos espaços públicos.<sup>6</sup>

Se esse ímpeto modernizador está vinculado num sentido positivo à percepção da necessidade de construção de uma identidade alinhada com aquilo que servia de modelo / referência – a Paris de Haussmann – está também vinculado num sentido negativo como reação às mudanças na população decorrentes, em particular, da abolição da escravatura em 1888. Esse marco legal intensifica a migração do interior e da região Nordeste para a capital. Essa mobilização modernizadora é notavelmente exemplificada pelas reformas capitaneadas pelo prefeito Pereira Passos.

Francisco Pereira Passos (1836-1913) foi prefeito do Rio de Janeiro entre 1902 e 1906, cargo para o qual foi nomeado pelo Presidente da República, Rodrigues Alves (1848-1919). Durante

---

<sup>5</sup> Cf. FEIJÃO, *Moda e modernidade na Belle Époque carioca* (2011).

<sup>6</sup> Esse processo de transformação na cidade do Rio de Janeiro, que ganha nessa ocasião um ímpeto novo, pode, no entanto, ser vinculado a uma série de processos reformistas que tiveram início ainda no século XIX, tendo como etapas notáveis a transferência da família real portuguesa para o Brasil; a declaração da Independência; e o período da Regência e do Segundo Reinado. Motta identifica, na ocasião da criação do Município Neutro separado do resto da província, em 1834, um processo de construção da capital imperial que incluía “anular a visão provinciana, garantindo a imposição de hábitos e costumes, de padrões de comportamento, de linguagem, de gosto e de moda, a partir de uma clara intenção unificadora e homogeneizadora. Aos modos de agir, pensar e sentir da ‘província’, a capital teria que contrapor padrões e normas que deveriam ser internalizados por todos aqueles desejosos de se tornar ‘homens da Corte’”. (MOTTA 1999, 13).

É interessante observar que será uma oposição entre cidade colonial e cidade moderna que moverá a celebração das reformas realizadas na cidade nos primeiros anos do século XX, como aparece de forma abundante nas páginas dos defensores da reforma. Um exemplo notável de uma defesa intransigente das iniciativas do prefeito Pereira Passos é o poeta, cronista e memorialista Luiz Edmundo de Melo Pereira da Costa, ou simplesmente Luiz Edmundo (1878-1961), que registra em seu livro *O Rio de Janeiro de Meu Tempo* um retrato da capital na virada do século XIX para o século XX, enfatizando os aspectos “atrasados” e “coloniais” que deveriam ser mudados. As páginas das revistas ilustradas serão outro espaço privilegiado para essa celebração das reformas.

sua administração o Rio de Janeiro passou por um intenso processo de reformas. Apesar de o aspecto mais conhecido dessas reformas estar relacionado com a derrubada de prédios, a construção de edifícios novos e o alargamento de ruas,<sup>7</sup> o “bota-abaixo”, a cidade se transformou com iniciativas de vários tipos: eliminação de animais (ratos, cachorros soltos, animais de carga, porcos criados domesticamente com propósitos alimentares), erradicação de mendigos e “vadios”, regulamentação do comércio de ambulantes e das formas de exibição das mercadorias, criação de instalações e exigência de condições de higiene relacionadas com a produção de alimentos (ordenha, abate), construção de novas instalações comerciais (mercados), proibição de várias práticas (candomblé e cultos religiosos de origem africana, soltar fogos de artifício e balões, fazer fogueiras, soltar pipas), normas relacionadas com preocupações higiênicas (proibição de urinar e cuspir nas ruas e, de forma correspondente, a criação de mictórios e a instalação de escarradeiras), demolição de casas e cortiços, alargamento de ruas e abertura de novas ruas e avenidas, com consequências importantes em vários aspectos da vida da cidade.<sup>8</sup> Como destaca Benchimol em *Pereira Passos, um Haussmann tropical*:

Ao mesmo tempo em que remodelava, junto com o governo federal, a estrutura material da cidade – demolições de prédios, abertura de avenidas, prolongamento e alargamento de ruas, reforma do calçamento, arborização e ajardinamento de praças etc. – Pereira Passos usava seus poderes discricionários, nos seis primeiros meses de 1903, para colocar em vigor um elenco de decretos destinados a transformar “velhas usanças” que negariam ao Rio de Janeiro foros de capital “e mesmo de simples habitat de um povo civilizado”.

Foram medidas que atingiram frontalmente as condições de vida da grande massa popular não só a que residia e trabalhava no centro e em suas imediações, como a que habitava os subúrbios e zonas rurais da cidade. Alteraram ou pretenderam alterar práticas econômicas, formas de lazer e costumes, profundamente arraigados no tecido social e cultural do Rio de Janeiro.<sup>9</sup>

A cidade que emerge das reformas é uma cidade diferente tanto em seu aspecto físico quanto nos modos de uso do espaço. Evidentemente essas transformações podem ser observadas de

---

<sup>7</sup> É possível apreciar as dimensões das transformações físicas na cidade observando a mudança no traçado das ruas no centro da cidade. Cf. BARREIROS, *Atlas da Evolução Urbana da Cidade do Rio de Janeiro. Ensaio. 1565-1965* (1965). Comparar as pranchas 16 (p. 21) e 18 (p. 23).

<sup>8</sup> Para um levantamento das etapas desse processo de transformação, cf. DEL BRENNNA (Org.), *O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II* (1985).

<sup>9</sup> BENCHIMOL, *Pereira Passos: um Haussmann tropical a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX* (1992: 277).

várias perspectivas diferentes, o centro reformado para usufruto das elites é um quadro parcial da vida na cidade. Contingentes significativos de moradores do centro são deslocados, com a demolição de edifícios antes ocupados como habitações coletivas, para regiões mais distantes ou para os morros, num processo de reorganização da ocupação do espaço urbano de enormes consequências sociais, culturais e econômicas.

Essa nova cidade, ou essa nova região central da cidade, se constitui, então, como palco de novas formas de sociabilidade e lazer. Há uma significativa mudança quanto aos espaços de entretenimento, que gradualmente foram se tornando mais públicos, em substituição aos lazeres domésticos que haviam sido o padrão ao longo do século XIX. Parte importante dessas atividades de lazer está relacionada às novidades tecnológicas, como o cinematógrafo, explorado comercialmente no Rio de Janeiro pelo multi-empresário Paschoal Segreto,<sup>10</sup> ou o gramofone.<sup>11</sup> A maneira de se vestir está cada vez mais sujeita ao ir e vir da moda e a fonte de informações para que as pessoas modernas e elegantes se mantenham atualizadas sobre o *dernier cri* são as revistas ilustradas.

A publicação de revistas no Brasil teve início no século XIX. É só com a autorização da impressão em território brasileiro, concedida após a transferência da família real portuguesa para o Rio de Janeiro, que passam a existir condições legais e que começam a se construir as condições materiais para tal. A primeira revista publicada no Rio de Janeiro foi *O Patriota* em 1813.<sup>12</sup> As revistas se multiplicam ao longo do século XIX, mas em geral elas têm vida efêmera, não passando dos primeiros exemplares.<sup>13</sup>

Segundo Baptista e Abreu, a primeira revista ilustrada foi publicada no Rio de Janeiro em 1849, *A Marmota da Corte*, à qual se juntaram nos anos seguintes *Semana Ilustrada*, *Revista Ilustrada*. A produção de revistas ilustradas teve uma aceleração com a entrada do século XX. Entre as principais revistas ilustradas que surgiram no começo do século XX e que tiveram uma maior duração, destacamos a *Revista da Semana*, publicada entre 1900 e 1962; a revista

<sup>10</sup> Cf. MARTINS, “Paschoal Segreto e a criação do mercado de diversão no Rio de Janeiro” (2010: 249-74).

<sup>11</sup> Cf. FRANCESCHI, *A Casa Edison e seu tempo* (2002).

<sup>12</sup> Cf. BAPTISTA; ABREU, *A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial*. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/baptista-iria-abreu-karen-a-historia-das-revistas-no-brasil.pdf> (consultado em Setembro, 2012).

<sup>13</sup> Cf. OLIVEIRA, VELLOSO, LINS, *O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930* (2010).

*O Malho*, com uma forte produção de caricaturas e cartuns, publicada entre 1902 e 1954; a revista *Careta*, fundada em 1908 e publicada até 1981, com uma interrupção no início da década de 1960; a revista *Selecta*, cujo número inaugural e experimental foi publicado em 1914, publicada pela mesma empresa que a *Fon-Fon!* e que passou a circular mensalmente a partir de 1915; *Fon-Fon!*, fundada em abril de 1907, dirigida até 1914 por Lima Campos, Gonzaga Duque e Mário Pederneiras e de 1914 em diante por Álvaro Moreyra e Hermes Fontes. Contou em sua equipe com importantes artistas gráficos, como Raul Calixto, J. Carlos e Raul Pederneiras, conferindo à revista um alto nível de qualidade nessa área.<sup>14</sup> Encontramos nessas revistas a celebração do Rio moderno, celebração e propaganda da modernidade e da elegância.

Uma das mais importantes revistas desse elenco foi *Fon-Fon!*. Ao longo de sua existência acompanhou em seu conteúdo e em seu projeto gráfico as transformações da sociedade e cultura cariocas. Consumida por um público amplo, que tanto incluía intelectuais quanto a população em geral, apresentava-se como “Semanário alegre, político, crítico e esfuziante: noticiário avariado, telegrafia sem arame, crônica epidêmica”, refletindo nos adjetivos que a caracterizam questões candentes na época: “avariado” como uma máquina, objeto de fascínio do momento e que aparece na ilustração do nome da revista; “telégrafo sem arame”, novidade tecnológica ainda recente e imagem ilustrativa do papel da revista: disseminar notícias (entre outras coisas) sem o uso de fios;<sup>15</sup> “epidêmico”, no momento em que o Rio, modernizado, se livrava das epidemias de doenças, transformando-se de “túmulo de estrangeiros” em “Cidade Maravilhosa”, dando lugar a outro tipo de epidemias, as modas. Esse *slogan*, no entanto, é abandonado a partir ainda em 1908, sendo substituído por um mais sóbrio “Semanário Ilustrado”.

*Fon-Fon!* circulava semanalmente, tipicamente aos sábados,<sup>16</sup> e tinha, em média 36 páginas entre 1908 e 1909, aumentando gradualmente até chegar a uma média de 80 páginas entre 1913 e 1914 e estabilizando entre 1915 e 1920 em exemplares de 50 a 60 páginas. Em

<sup>14</sup> Cf. MARTINS, *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)* (2008); NOGUEIRA, “Revista Careta (1908-1922): símbolo da modernização da imprensa no século XX” (2010: 60-80); ZANON, “*Fon-Fon!* – um registro da vida mundana no Rio de Janeiro da *Belle Époque* (2005: 28-40).

<sup>15</sup> Pode-se evocar aqui também a gíria, “sem arame” corresponde a “sem dinheiro”.

<sup>16</sup> Excepcionalmente, em épocas como o Carnaval, era distribuída antecipadamente, de modo a não perder o público leitor que estaria ou entretido com os festejos ou retirado da cidade para afastar-se dos festejos.

algumas ocasiões eram publicados números mais longos, normalmente no Natal, quando os exemplares chegavam a mais de 100 páginas, em fevereiro / março, no número de Carnaval e em abril, por ocasião do aniversário da revista.

*Fon-Fon!* subdividia-se em uma grande quantidade de seções de características diversas: anúncios comerciais de produtos e serviços; caricaturas e humor gráfico; notas sociais; ensaios fotográficos sobre a cidade, sobre outros locais visitados, sobre personalidades ou eventos políticos ou culturais de relevo; poesia; ficção; textos humorísticos; entre outros. Por vezes em uma mesma página encontramos vários elementos diferentes justapostos, sem que tenham qualquer vínculo temático.

As seções são geralmente breves, mas quando se estendem por várias páginas contam com fartas ilustrações (normalmente caricaturas) ou trata-se de ensaios fotográficos.

Ao longo da existência da revista, houve muitas mudanças nas seções, ainda que algumas tenham tido considerável durabilidade. Essas mudanças dão testemunho do dinamismo da revista refletindo os valores que lhe serviam de fundamento: uma comunicação rápida e imediata, reflexo da associação da modernidade à velocidade; uma comunicação que se transformava junto com o mundo e com seus leitores, mostrando sua atenção a uma renovação constante, atenta ao que acontecia fora da redação e até mesmo enfatizando essa ideia de mudança e de rapidez de forma a amplificar a percepção desse movimento.

A multiplicidade do caleidoscópio de informações e pontos de vista veiculados pela revista pode ser associada à modernidade pela via da fragmentação, resultado da velocidade, mas também resultado da quantidade e variedade de alternativas nessa cidade agora moderna.

Impressiona também a grande quantidade de anúncios comerciais, que discutirei mais adiante, que evidenciam pelo tipo de oferta o tipo de leitor a que a revista se dirigia ou o tipo de consumidor que a revista ajudava a criar. A ênfase dos anúncios comerciais estava em itens vinculados à moda, à elegância e à saúde, conceito mais recentemente associado à qualidade de vida.

Encontravam-se ali com frequência, além dos já consagrados termos franceses, em especial no que se refere à moda nas vestimentas, termos de origem inglesa, “garden party”, “flirt”, “Derby-Club” e “smart” – adjetivo consagrador do homem moderno e elegante. Esse giro

lingüístico evidencia a gradual mudança no centro de referência que migra na primeira metade do século XX da Europa, particularmente da França, para os Estados Unidos.

O nome da revista, *Fon-Fon!*, é onomatopéia da buzina, associada aos automóveis, centralizadores do encantamento pelas máquinas e pela rapidez desse momento. Mas a buzina é apenas o primeiro dos inúmeros itens e referências sonoras / musicais que aparecem na revista. Disseminada em várias seções diferentes, desde as mais evidentes, como as partituras publicadas, até as mais elaboradas, por exemplo, como mote de piadas que pressupõem algum conhecimento musical para que se entenda a graça, a música é presença frequente na revista. As referências musicais ajudam, de diversas formas diferentes, a compor os propósitos da revista.

A seção *Perfis Internacionais* foi publicada na *Fon-Fon!* a partir de meados de 1910. Como o próprio nome da seção indica, destacavam-se ali personalidades das mais variadas áreas, incluindo lutadores, escritores, sufragistas, assassinos, nobres, artistas circenses, viúvas ricas, aviadores, entre tantas ocupações. Aparecem ali celebridades como Marie Curie, o Dalai Lama, Rodin, acompanhados de uma ilustração de seus rostos e de uma breve biografia. Apareciam ali também personalidades relacionadas com a música. Estas pertencem a círculos musicais bastante variados: compositores e regentes (como Richard Strauss e Toscanini), virtuosos (como Franz Von Vecsey e Ignacy Jan Paderewski), cantores de ópera (como Caruso e o baixo Pierre Gailhard), artistas de café concerto (como Nadine Dyantés e Tilde Belfiore) e outros profissionais ou figuras ligadas à música (como o editor Giulio Ricordi e Riccò, diretor do Conservatório de Catania). O tom da seção é uma mescla de atualidades com cultura geral e registro de eventos notáveis e falecimentos. A presença da música ali revela que essa área encontra-se arraigada no conjunto de saberes e práticas considerados úteis ou interessantes e a variedade de manifestações representadas mostra alguma pluralidade, se levarmos em conta o perfil da revista.

No período entre 1910, quando a seção começa a ser publicada, e 1914, na época da deflagração da 1ª Guerra Mundial, foram publicados 1705 perfis. Estes eram em sua maioria de uma única pessoa, mas ocasionalmente apareciam perfis de duplas, grupos ou, muito

raramente, de instituições ou animais. Era, provavelmente, uma seção popular, pois aparecia logo no início da revista, chegou a ter quatro páginas e, apesar das constantes mudanças na estrutura interna da revista, durou até pelo menos 1920.<sup>17</sup>

Desses 1705 perfis, 55 estavam diretamente ligados à música (Ver **Tabela 1** abaixo). Desses 55, 31 aparecem ligados à ópera: cantores e cantoras, compositores e um libretista. No caso dos compositores, são incluídos vários compositores que têm uma obra que abarca mais de um gênero, mas em cuja apresentação a ópera é colocada em destaque. Há referência a compositores (sem especificação de gênero específico), compositores de música sacra, *chanteuses*, violinistas, pianistas e um organista (Guilmant), mas é evidente a preponderância da ópera como referência musical. O teor dos comentários é variado: estreia de obras, notícia da morte, curiosidades ou fofocas.

Os perfis de músicos, ou ligados à música, publicados na seção *Perfis Internacionais* confirmam evidência encontrada também em outras fontes, inclusive em outras seções da revista *Fon-Fon!*. As principais delas são o entranhamento da experiência musical na vida na cidade do Rio de Janeiro e a centralidade da ópera nessa experiência.

---

<sup>17</sup> O projeto de pesquisa em que este levantamento se insere estende-se de 1890 a 1920. Por esse motivo não foram analisados os números publicados depois de 1920.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

No. da Revista	Data	Título	Nome da(s) pessoa(s)	Gênero	Nacionalidade	Ocupação	Comentários
24 de 1910	11/06/1910	Nadine Dyantés	Nadine Dyantés	F	Francesa	Cantora de café concerto	--
31 de 1910	30/07/1910	O pianista Radwan	Radwan	M	?	Pianista especializado em Chopin	--
33 de 1910	13/08/1910	Miss Evelina Walker	Evelina Walker	F	?	Soprano	Concerto de Perosi na igreja de Santa Clara em Nápoles.
35 de 1910	27/08/1910	Luiz Canepa	Luiz Canepa	M	Italiano	Compositor de ópera	Artista sardo doente e esquecido.
35 de 1910	27/08/1910	Margarita Witt	Margarida Witt	F	Argentina	Violinista	--
37 de 1910	10/09/1910	Franz von Vecsey	Franz von Vecsey	M	Húngaro	Violinista	--
41 de 1910	08/10/1910	Dom Lourenço Perosi	Lourenço Perosi	M	Italiano	Compositor de música sacra	--
41 de 1910	08/10/1910	O maestro Colonne	Colonne	M	Francês	Concertista (violino) e diretor de orquestra	Notícia da morte.
43 de 1910	22/10/1910	Dois cantores novos	Tirimont Carrier	M M	? ?	Tenor Barítono	Concurso para cantores em Paris.
47 de 1910	19/11/1910	Bella Alten	Bella Alten	F	Norte-americana	Cantora de ópera	--
48 de 1910	26/11/1910	Paolina Garcia	Paolina Garcia Viardot	F		Cantora de ópera	Notícia da morte.
49 de 1910	03/12/1910	Três maestros	Aldo Franchetti Guido Bianchini Veneziani	M M M	Italiano Italiano Italiano	Compositores de ópera	Concurso para melodrama do jornal <i>O Tirso</i> de Roma.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

2

49 de 1910	03/12/1910	Um futuro compositor	Noel Gallon	M	Francês	Compositor	--
50 de 1910	10/12/1910	Bourgault-Ducoudray	Louis-Albert Bourgault-Ducoudray	M	Francês	Compositor de ópera	Notícia da morte.
02 de 1911	14/01/1911	Caruso	Enrico Caruso	M	Italiano	Tenor	--
03 de 1911	21/01/1911	A Belfiore	Belfiore	F	?	Chanteuse	--
07 de 1911	18/02/1911	Ricardo Strauss	Richard Strauss	M	Alemão	Compositor (de ópera)	<i>O cavaleiro da rosa.</i>
11 de 1911	18/03/1911	Pedro Mascagni	Pietro Mascagni	M	Italiano	Compositor de ópera	--
13 de 1911	01/04/1911	Strauss e uma intérprete	Richard Strauss	M	Alemão	Compositor (de ópera)	<i>O cavaleiro da rosa.</i>
15 de 1911	15/04/1911	Luiz Illica	Luiz Illica	M	Italiano	Libretista	--
15 de 1911	15/04/1911	A morte de Carmen	Lison Francin	F	?	Cantora de ópera	--
25 de 1911	24/06/1911	Uma compositora de operetas	Amelia Nikisch	F	?	Compositora de operetas	--
27 de 1911	08/07/1911	Alexandre Guilmant	Alexandre Guilmant	M	Francês	Compositor e organista	Notícia da morte.
28 de 1911	15/07/1911	Judic	Anne Marie-Louise Damiens Judic	F	Francesa	Cantora de operetas	Notícia da morte.
34 de 1911	26/08/1911	Dranem	Charles Armand Ménard, Dranem	M	Francês	Artista de teatro de variedades	Fundação de uma Casa de Repouso para artistas líricos de café concerto.
37 de 1911	16/09/1911	Artistas de amanhã	Clauzure Calvet	M F	? ?	Tenor Cantora	Concurso do Conservatório de Paris.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

3

46 de 1911	18/11/1911	Toto Cotogni	Toto Cotogni	M	Italiano	Barítono	80º aniversário.
26 de 1912	29/06/1912	Stefano Gobatti	Stefano Gobatti	M	Italiano	Compositor de ópera	--
27 de 1912	06/07/1912	Gabriella Ferrari	Gabriella Ferrari	F	?	Compositora (de opera)	--
29 de 1912	20/07/1912	O maestro Marziano Perosi	Marziano Perosi	M	Italiano	Compositor (de opera)	--
32 de 1912	10/08/1912	A revelação de um músico	Fanelli	M	Ítalo-francês	Compositor	--
34 de 1912	24/08/1912	Herrmann Winkelmann	Herrmann Winkelmann	M	Alemão	Tenor	Notícia da morte.
39 de 1912	28/09/1912	Julio Ricordi	Giulio Ricordi	M	Italiano	Editor de música	Notícia da morte.
49 de 1912	07/12/1912	O Sr. Mignan	Édouard Mignan	M	Francês	Compositor	Vencedor do Prêmio de Roma do Conservatório de Paris.
02 de 1913	11/01/1913	Uma pianist no Oriente	Miquel Alzieu	F	Francesa	Pianista	--
08 de 1913	22/02/1913	X	X	F	?	Cantora	--
13 de 1913	29/03/1913	O maestro Lecocq	Lecocq	M	?	Compositor	--
14 de 1913	05/04/1913	Wieniawski	Joseph Wieniawski	F	Polonês	Compositor e pianista	Notícia da morte.
18 de 1913	03/05/1913	Ricardo Zandonai	Riccardo Zandonai	M	Italiano	Compositor de ópera	--
20 de 1913	17/05/1913	Gustavo Charpentier	Gustave Charpentier	M	Francês	Compositor	Sucessão na direção da Academia de Belas Artes de Paris.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

4

23 de 1913	07/06/1913	Arrigo Pedrollo	Arrigo Pedrollo	M	Italiano	Compositor de ópera	Vencedor do concurso Sonzogno.
24 de 1913	14/06/1913	Ivette Guilbert	Ivette Guilbert	F	Francesa	Cantora	--
32 de 1913	09/08/1913	O cantor condecorado	Marcel Legay	M	Francês	Cantor (de Montmartre)	--
39 de 1913	27/09/1913	Vicente D'Indy	Vincent D'Indy	M	Francês	Compositor	--
42 de 1913	18/10/1913	Festa da arte	Gustav Charpentier Maria Godart	M F	Francês ?	Compositor Musa dos músicos	--
42 de 1913	18/10/1913	Lily Boulanger	Lily Boulanger	F	Francesa	Compositora	Prêmio de Roma do Conservatório de Paris.
44 de 1913	01/11/1913	Toto Cotogni	Toto Cotogni	M	?	Barítono	--
45 de 1913	08/11/1913	Erminia Frezzolici	Erminia Frezzolini	F	Italiana	Cantora (de ópera)	--
48 de 1913	29/11/1913	A sacerdotisa de Beethoven	Anna de Serres	F	?	Pianista	Notícia da morte
19 de 1914	09/05/1914	Lucy Arbell	Lucy Arbell	F	Francesa	Cantora de ópera	--
20 de 1914	16/05/1914	Tiarko Richepin	Tiarko Richepin	M	Francês	Compositor de ópera	--
26 de 1914	27/06/1914	A novíssima Patti	Konsuetzoff	F	?	Cantora de ópera	--
27 de 1914	04/07/1914	A nova Cleópatra	Konsuetzoff	F	?	Cantora de ópera	--
29 de 1914	18/07/1914	Gustave Charpentier	Gustave Charpentier	M	Francês	Compositor (de ópera)	--
30 de 1914	25/07/1914	A cançonetista recalcitrante	Mary Lloyd	F	Inglesa	Cançonetista	--

**Tabela 1: Pessoas ligadas à música que aparecem na seção Perfis Internacionais da revista *Fon-Fon!* entre 1910 e 1914.**

## Referências

Revistas *Fon-Fon!* publicadas entre 1907 e 1920 (Acervo da Biblioteca Nacional, RJ e Acervo da Biblioteca Mario de Andrade, SP).

Allen, Warren Dwight. 1962. *Philosophies of music history: a study of general histories of music, 1600-1960*. New York: Dover.

Baptista, Íria Catarina Queiroz e Karen Kristina Kraemer Abreu. n.d. *A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial*. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/baptista-iria-abreu-karen-a-historia-das-revistas-no-brasil.pdf> (consultado em Setembro, 2012).

Barreiros, Eduardo Canabrava. 1965. *Atlas da evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro. Ensaio. 1565-1965*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Benchimol, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. 1992. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração.

Costa, Luiz Edmundo de Melo Pereira da. 1957. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1957. 5 vol.

Del Brenna, Giovanna Rosso (Org.). 1985. *O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II*. Rio de Janeiro: Index.

Feijão, Rosane. 2011. *Moda e modernidade na Belle Époque carioca*. São Paulo: Estação das Letras e Cores.

Franceschi, Humberto M. 2002. *A Casa Edison e seu tempo*. Rio de Janeiro: Sarapuí.

Frydman, Claudio. 2008. “A Música do leitor: partituras publicadas em revistas cariocas (1900-1920)”. Disponível em <http://ensaios.musicodobrasil.com.br/claudio-frydman-a-musica-do-leitor.pdf> (consultado em Julho, 2012).

Martins, Ana Luiza. 2008. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Edusp.

Martins, William de Souza Nunes. 2010. Paschoal Segreto e a criação do mercado de diversão no Rio de Janeiro. In *Vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*, orgs. Andrea Marzano e Victor Andrade de Melo, 249-274. Rio de Janeiro: Apicuri.

Marzano, Andrea e Victor Andrade de Melo, orgs. 2010. *Vida Divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri.

Motta, Marly. 2004. *Rio, cidade-capital*. Rio de Janeiro: Zahar.

Nogueira, Clara Asperti. 2010. Revista *Careta* (1908-1922): símbolo da modernização da imprensa no século XX. *Miscelânea: Revista de pós-graduação em Letras* 8 (Julho-Dezembro, 2010): 60-80.

Oliveira, Cláudia, Monica Pimenta Velloso e Vera Lins. 2010. *O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond.

Sevcenko, Nicolau. 2002. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In *História da vida privada no Brasil 3 – República: da Belle Époque à Era do Rádio*, org. N. Sevcenko, 513-619. São Paulo: Companhia das Letras.

Sevcenko, Nicolau (Org.). 2002. *História da vida privada no Brasil 3 – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras.

Souza, Leno José Barata. 2010. Cultura impressa no Amazonas e a trajetória de um jornal centenário. *Tempos históricos*, Vol. 14 (2010): 106-133.

Zanon, Maria Cecília. 2005. *Fon-Fon!* – um registro da vida mundana no Rio de Janeiro da Belle Époque, *Patrimônio e memória* Vol. 1, nº 2 (2005): 28-40.